

A escuta como lugar de enunciação: interlocuções com sujeitos com afasia sob a teoria enunciativa de Benveniste

Gabriel Rovadoschi Barros¹

Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil

Karina Carlesso Pagliarin²

Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil

Resumo: Este artigo investiga o papel da escuta como operador enunciativo na clínica da afasia, a partir da teoria da enunciação de Émile Benveniste. A pesquisa, de abordagem qualitativa e teórico-interpretativa, analisa interações entre sujeitos com afasia e terapeutas-interlocutores no Grupo Interdisciplinar de Convivência (GIC). Foram examinados fragmentos discursivos marcados por hesitações, silêncios e gestos, à luz das categorias de pessoa, tempo e espaço do aparelho formal da enunciação. Os resultados mostraram que, mesmo diante da falha linguística, os sujeitos permanecem implicados na linguagem, o que se evidencia na alternância de turnos sustentada pelos interlocutores, na insistência em dizer apesar das hesitações e na dimensão performativa da nomeação. Esses achados indicam que a escuta clínica não apenas acolhe a fragmentação, mas a transforma em possibilidade discursiva, sustentando a emergência do sujeito na linguagem.

Palavras-chave: Afasia; Enunciação; Escuta; Subjetividade; Benveniste.

Title: Listening as a Place of Enunciation: Dialogues with Aphasic Subjects under Benveniste's Enunciative Theory

Abstract: This article investigates the role of listening as an enunciative operator in aphasia therapy, based on Émile Benveniste's theory of enunciation. Using a qualitative and theoretical-interpretative approach, we analyzed interactions between people with aphasia and therapist-interlocutors in the Interdisciplinary Group of Coexistence (GIC). Discursive fragments marked by hesitations, silences, and gestures were examined considering the categories of person, time, and space of the formal apparatus of enunciation. The results showed that, even in the face of linguistic breakdown, the subjects remain implicated in language, which is evidenced by the turn-taking sustained by interlocutors, the insistence on speaking despite hesitations, and the performative dimension of naming. These findings suggest that clinical listening does not merely receive fragmented speech but transforms it into discursive possibility, sustaining the subject's emergence in language.

Keywords: Aphasia; Enunciation; Listening; Subjectivity; Benveniste.

¹ Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Distúrbios da Comunicação Humana (UFSM). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2581-4102>. E-mail: gabrielrova@gmail.com.

² Docente na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2297-1396>. E-mail: karina.carlesso@ufsm.br.

A escuta como prelúdio

A escuta é frequentemente concebida como função receptiva ou passiva da linguagem, limitada à compreensão do dito. No entanto, ao mobilizarmos a teoria enunciativa de Émile Benveniste (1956, 1958, 1965, 1967, 1970), a escuta adquire outra espessura: torna-se condição de possibilidade da enunciação e, portanto, da subjetividade. Escutar, nesse contexto, é ocupar um lugar na linguagem – é ser convocado como parceiro alocutário na cena enunciativa, ainda que o discurso não se efetive por meio de palavras articuladas.

A problemática da escuta adquire contornos ainda mais complexos quando situada na clínica da afasia. Sujeitos com afasia, frequentemente marcados pela falha na expressão verbal, desafiam os limites do que se reconhece como linguagem e interpelações. No entanto, como propõem Benveniste (1989 [1970]) e, mais recentemente, Silva (2024), a escuta não está vinculada apenas ao verbal: ela se constitui como gesto enunciativo que sustenta o vínculo e a copresença no discurso. Escutar é, nesse sentido, sustentar a possibilidade de um “eu” diante de um “tu” – mesmo que a fala falhe.

Convém situar que abordar a escuta numa perspectiva enunciativa requer realizar deslocamentos e, portanto, uma leitura prospectiva, como apontam Silva e Oliveira (2021). Nesse sentido, escutar é tomar parte na conversão da língua-sistema em língua-em-uso; é ocupar um lugar no aparelho formal da enunciação, composto por categorias de pessoa, tempo e espaço, que só se atualizam em situação discursiva. Assim, escutar é dar lugar à referência e à copresença, é reconhecer o outro como sujeito da linguagem mesmo quando sua fala é hesitante, interrompida ou silenciosa. É nessa chave que a escuta pode ser pensada como instância ética, capaz de sustentar o acontecimento, o que se revela especialmente necessário nas interlocuções com sujeitos com afasia.

A história da afasiologia também nos oferece indícios para repensar a afasia como cena enunciativa. No século XIX, Paul Broca (1969 [1864]), ao disputar com Trousseau a escolha terminológica entre afemia e afasia, menciona que a afasia designa “o estado de um homem no fim dos argumentos, e que não tem nada mais a responder”. Tal definição, ainda que cunhada em um contexto médico e filológico, traz consigo uma perspectiva profundamente enunciativa: há aqui a ideia de uma interpelação que não encontra resposta, de uma convocação à fala que esbarra no limite do dizer. O que está em jogo não é apenas a ausência de palavras, mas uma suspensão da resposta frente à linguagem do outro – um impasse interlocutivo. Essa concepção ressoa com a teoria enunciativa de Benveniste, segundo a qual o sujeito só se constitui na relação com um “tu”. Quando a resposta falha, permanece a interpelação – e é neste intervalo que a escuta se torna decisiva. Escutar, nesse contexto, é manter o campo da linguagem aberto mesmo diante do não dito, é sustentar o sujeito quando ele “não tem mais nada a responder”. A escuta clínica, então, não se limita à espera da palavra articulada, mas se implica na sustentação do lugar do sujeito na linguagem, mesmo (e sobretudo) quando a fala vacila. Trata-se de uma ética da interlocução que aposta na permanência do vínculo, mesmo no silêncio.

Como destaca Benveniste (1991 [1958]), é “na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito”. Essa constituição não se dá isoladamente: pressupõe a relação dialógica eu-tu, que é sempre singular e irrepetível. Por isso, escutar, em termos enunciativos, é reconhecer o outro em sua possibilidade de fala, mesmo que essa fala esteja atravessada pela falha ou pela perda. Tal concepção rompe com a lógica da reabilitação funcional e inaugura outra: a da sustentação do sujeito na linguagem.

Esta pesquisa, fruto de uma tese de doutorado, parte da escuta de sujeitos com afasia em situações de convivência para refletir sobre a enunciação como espaço de constituição de sentido, responsabilidade e subjetividade. Ao conceber o sujeito como um efeito da linguagem, a teoria enunciativa de Benveniste permite pensar a escuta como um lugar de inscrição e de emergência do sujeito.

A partir de uma perspectiva qualitativa e enunciativa, investigamos fatos de linguagem emergidos nas interações entre sujeitos com afasia e terapeutas-interlocutores no contexto do Grupo Interdisciplinar de Convivência (GIC), buscando compreender como a escuta opera como condição da enunciação e como se configuram os vínculos intersubjetivos e os efeitos de sentido nesses encontros. Trata-se, assim, de uma aposta na linguagem como lugar de cuidado, de vínculo e de invenção – mesmo (e especialmente) onde a palavra falta.

Aparelho formal em ato: pistas de análise

Este estudo inscreve-se no campo da pesquisa qualitativa, de natureza descritiva e interpretativa (Gil, 2008; Minayo, 2001), com inspiração teórico-metodológica na teoria da enunciação de Émile Benveniste, tomando a linguagem como espaço constitutivo da subjetividade e da intersubjetividade. A escuta é aqui tomada como categoria analítica central, compreendida não apenas como acesso ao dito, mas como condição enunciativa e ética que sustenta a inscrição do sujeito na linguagem. O interesse da pesquisa recai sobre os modos pelos quais a linguagem se sustenta apesar da afasia.

A investigação foi realizada a partir de encontros registrados no âmbito do Grupo Interdisciplinar de Convivência (GIC), projeto de extensão que se propõe como espaço coletivo de convivência entre sujeitos com alterações neurológicas e profissionais da linguagem (fonoaudiólogos, psicólogos, linguistas e terapeutas ocupacionais). Esses encontros são pautados por uma proposta clínica que sustenta o vínculo, o tempo do sujeito e o reconhecimento da linguagem como forma de vida (Fedosse *et al.*, 2019).

O GIC, em seu funcionamento, valoriza processos alternativos de significação e aposta na linguagem como constitutiva do sujeito, mesmo em situações de falha, priorizando a convivência como eixo terapêutico e formativo, favorecendo o protagonismo dos sujeitos com afasia, o acolhimento das singularidades e a formação ética de profissionais da linguagem em torno de uma escuta compartilhada (Fedosse *et al.*, 2019). O grupo realiza encontros presenciais semanais, com duração média de duas horas e meia, organizados em três momentos principais: roda de conversa, lanche e atividade terapêutica.

Participaram da pesquisa 3 sujeitos com afasia, além de 3 terapeutas da equipe do GIC. A pesquisa teve aprovação pelo comitê de ética, sob número CAAE 71010023.5.0000.5346. Os fragmentos analisados foram transcritos com base no modelo do Banco de Dados em Neurolinguística (Freire; Coudry, 2016), respeitando as condições enunciativas da fala e seus elementos não verbais. A constituição do dado seguiu o princípio de que o fato enunciativo só emerge como tal quando, a partir da escuta do pesquisador, se instaura uma pergunta sobre o sujeito e seu lugar na linguagem (Flores, 2006; Nunes, Flores, 2017). Assim, o dado é compreendido como efeito de um gesto interpretativo que reconhece, nas bordas do dizer, uma tentativa de inscrição subjetiva.

Foram analisadas interações com sujeitos diagnosticados com afasia, em diferentes manifestações e graus de comprometimento linguístico. A seleção dos dados baseou-se na escuta analítica de fragmentos nos quais se pôde reconhecer o funcionamento de marcas enunciativas: pausas, gestos, olhares, hesitações, repetições, silêncios e tentativas de fala, considerados aqui como material discursivo. A escuta, nesse sentido, é compreendida como operador clínico e teórico, pois é ela que torna possível reconhecer naquelas formas mínimas de linguagem uma insistência do sujeito em dizer.

A análise enunciativa foi orientada pelas categorias do aparelho formal da enunciação – pessoa, tempo e espaço (Benveniste, 1989 [1970]) – e articulada com a função da escuta como operador de subjetividade, ou seja, como promotor da inscrição enquanto sujeito de linguagem (Silva; Oliveira, 2021). Buscou-se compreender como o sujeito se inscreve na linguagem mesmo em situações de afasia, e de que forma o outro (terapeuta-interlocutor) sustenta, através da escuta, a cena enunciativa.

A análise se organizou em três movimentos interligados: (1) escuta analítica dos encontros e escolha dos fragmentos em que a linguagem vacila, mas insiste; (2) leitura enunciativa dessas cenas, à luz da teoria de Benveniste, buscando marcas do aparelho formal da enunciação (categorias de pessoa, tempo e espaço); e (3) articulação entre essas marcas e os efeitos de subjetividade que nelas se inscrevem, compreendendo como, mesmo diante da afasia, o sujeito se coloca no discurso e convoca um outro a escutá-lo. Seguindo Silva e Oliveira (2021) e Silva (2024), consideramos que escutar é instaurar um espaço enunciativo de interlocução, em que o silêncio também fala e a escuta participa do dizer como enunciação implícita. A escuta, nesse sentido, não apenas capta o enunciado, mas participa de sua constituição.

Três cenas enunciativas e seus efeitos de escuta

Ao nos debruçarmos sobre os dados empíricos, as categorias de pessoa, tempo e espaço são tomadas como operadores de inscrição subjetiva, e a escuta, como condição para que tais categorias possam se atualizar mesmo em situações de falha. Com isso, os fatos enunciativos (Quadros 1, 2 e 3) a seguir são frutos de uma única cena enunciativa que foi dividida em três partes para a análise de diferentes aspectos da enunciação. Convém apresentar o contexto da cena, referente a roda da novidade do dia 3 de junho de 2023,

protagonizada pelos sujeitos com afasia UN, DEL e VER, bem como pelos interlocutores-terapeutas intEM, intCM e intGB.

A fim de apresentação, UN é um homem, 72 anos, divorciado, pai de dois filhos, católico, ensino médio incompleto, balconista de loja de varejo por mais de 20 anos, aposentado por tempo de serviço, apreciador de futebol e torcedor do Internacional-RS. Mora sozinho em casa própria e participa do GIC desde 2010. UN sofreu um acidente vascular cerebral isquêmico em 2009, apresentando como sintoma persistente da afasia a anomia. DEL é um homem, 82 anos, casado, era caminhoneiro, mora com a esposa e participa do GIC desde 2011. Com ensino fundamental incompleto, sofreu um acidente vascular cerebral isquêmico em 2008 e outro em 2021. Apresenta características de afasia não fluente. Já VER é mulher, 58 anos, solteira, não tem filhos, aposentada, ex-bancária funcionária pública, sofreu um acidente vascular cerebral isquêmico há 2 anos em decorrência de complicações do COVID. Participa do GIC há 1 ano.

As interlocutoras intEM e intCM são terapeutas ocupacionais e participam do GIC desde 2011 e 2018, respectivamente. O interlocutor intGB é psicólogo e participa do GIC desde 2018. Os três sujeitos são os interlocutores-terapeutas presentes nos fatos enunciativos a seguir.

Convém apresentar que a conversa que antecedeu a cena teve como temática os casos de dengue na cidade e o clima. Ainda, UN contou sobre os diferentes canais de televisão que assistia. Estas informações são fundamentais no desenrolar das diferentes cenas. Segue o Quadro 1 a partir da intervenção de intEM, em que retoma a dinâmica do grupo da roda da novidade:

Quadro 1 – “É a vez do seu DEL”

Nº	Sigla do falante	Transcrição	Observações sobre as enunciações orais/verbais	Observações sobre o não verbal implicado na enunciação
1	intEM	Conta sua novidade DEL	Tom afirmativo	
2	UN	Tu te lembra que tava sentada ali	Interrogativo	UN ignora a pergunta dirigida A DEL e interroga outro participante do grupo
3	DEL	Quando vai saber é	Interrogativo; hesitante	Aponta com o dedo indicador para intEM
4	intCM	Os atendimentos individuais?	Interrogativo	
5	DEL	Para, agora eu to fala	Exclamatório	Mão esquerda aberta na direção de UN, sinalizando para parar
6		Risos do grupo		
7	intEM	É a vez do seu DEL	Afirmativo	
8	intEM	O que tu quer saber seu DEL	Interrogativo	
9	DEL	Vai vim pra nós ou não	Interrogativo	Levanta a mão esquerda aberta enquanto fala a frase em direção a intEM
10	DEL	Não deu	Interrogativo	Repousa as mãos no colo, com os dedos entrelaçados
11	intCM	O que	Interrogativo	

12	DEL	Não vem esse ano	Interrogativo	Aponta com o dedo indicador da mão esquerda para intCM e em seguida volta a repousar a mão
13	DEL	Nosso pra vim comigo	Afirmativo	Estende a mão esquerda aberta em direção a intCM
14	intCM	Ah o atendimento individual	Exclamatório	
15	DEL	É	Afirmativo	
16	intCM	Eu vou agendar e assim que tiver tudo agendado eu aviso pro senhor	Afirmativo	
17	DEL	Ah ta	Afirmativo	Acena a cabeça, movendo-a para trás e depois a frente
18	intCM	Ainda não tem data certinha que eu tenho que falar com minha chefe que ta lá em são paulo	Afirmativo	
19		(conversas paralelas no grupo)		

Fonte: Elaborado pelos autores.

A interlocução registrada no Quadro 1 da cena enunciativa apresenta um cenário fértil para uma análise enunciativa centrada na constituição da subjetividade e na copresença como condição de produção de sentido. A cena revela o funcionamento do GIC como espaço discursivo que sustenta a alternância de posições de fala e a inscrição do sujeito na linguagem, mesmo diante da falha. Trata-se de um acontecimento de linguagem no qual a escuta se afirma como operação fundadora, mais do que função receptiva (Silva; Oliveira, 2021).

Desde o início, intEM dirige-se a DEL com “Conta sua novidade DEL”, demonstrando a busca por uma interlocução que permite a expressão de uma experiência pessoal, inscrevendo o interlocutor em um espaço enunciativo. Como afirmado por Benveniste (1991 [1958]), a condição de diálogo é o que torna possível a instauração do discurso, dando início ao processo interlocutório. O apelo à “novidade” como um tópico de conversa ressalta a necessidade de um espaço comunicativo compartilhado, contexto em que o diálogo se dá, delimitando um espaço e tempo no discurso, em que cada participante contribui para a construção do diálogo, sendo esta uma premissa do funcionamento do GIC, em especial do momento da roda de novidades. Assim, ao nomear DEL e lhe atribuir a vez de falar, intEM não apenas organiza a dinâmica da roda, mas instaura um “tu” no campo da fala, interpelando-o como sujeito. Tal gesto evidencia que o terapeuta-interlocutor, mais do que distribuidor de turnos, funciona aqui como um operador de enunciação – alguém que reconhece o outro como sujeito da linguagem, mesmo quando o enunciado ainda não se atualizou.

Na linha 2, UN toma a palavra e interroga: “Tu te lembra que tava sentada ali”. Há aqui uma interferência no endereçamento previsto, pois UN desvia a convocação de DEL e reinscreve outro interlocutor. Embora possa parecer interrupção, este gesto desloca o foco enunciativo sem rompê-lo, evidenciando a dinâmica intersubjetiva do grupo: cada sujeito se posiciona em relação a outros e instaura sentidos em cadeia. Como lembra Benveniste (1989

[1970]), é a enunciação que converte o sistema em uso – e é nessa conversão que se revelam os modos singulares de inserção na linguagem. Ao retomar um tema anterior da conversa, UN reinscreve o passado recente como campo de referência e ativa a memória partilhada como forma de sustentação do vínculo. Convém ressaltar que anterior a cena enunciativa em questão, UN estava com o turno de fala no grupo.

A resposta de DEL na linha 5 – “Para, agora eu to fala” – é um ponto nodal da cena. Nessa enunciação, observa-se o agenciamento das categorias enunciativas de pessoa e tempo. Ao dizer “eu to fala agora”, DEL articula um “eu” que se propõe como sujeito e um “agora” que inscreve a fala na atualidade da enunciação. Trata-se, como propõe Benveniste (1958), da apropriação da língua pelo sujeito que a realiza como discurso. O gesto simultâneo, com a mão aberta na direção de UN, reafirma a ocupação do lugar de fala e a marca de alteridade: DEL não apenas fala, mas fala *a* alguém – ou seja, instaura uma relação de interlocução concreta, e não apenas abstrata.

Esse momento mobiliza o que Silva e Chacon (2023) propõem como escuta enquanto ocupação de um lugar enunciativo. O riso coletivo que se segue (linha 6) não opera como desqualificação da fala, mas antes como inscrição partilhada dos sujeitos em uma cena de linguagem. Tal como apontam Silva e Chacon (2023), a escuta não é um simples ato receptivo, mas uma forma de presença ativa na interlocução, na qual o sujeito se constitui ao escutar e ser escutado. O riso, nesse caso, não apenas acolhe a oscilação da fala de DEL, mas marca a copresença afetiva dos interlocutores na cena enunciativa, instaurando um espaço em que a intersubjetividade se dá também pelo compartilhamento de uma escuta que fala – ou seja, uma escuta que valida, sustenta e testemunha o dizer do outro. Trata-se de uma escuta que, ao se manifestar por meio do riso, cria laço e estabelece um campo de reconhecimento simbólico, no qual a tentativa de enunciação do sujeito com afasia é acolhida e significada pelo coletivo.

Pensar a escuta como operador enunciativo implica deslocá-la de sua concepção clássica, atrelada à recepção passiva da fala, para compreendê-la como uma atividade fundadora de sentido e de subjetividade. A teoria enunciativa de Émile Benveniste fornece os fundamentos para esse deslocamento ao postular que a constituição da subjetividade ocorre no próprio exercício enunciativo e por meio dele (Benveniste, 1991 [1958]). A subjetividade não é anterior à linguagem, mas emerge no próprio ato de enunciar, em uma relação de alteridade com o outro que escuta. É nesse movimento que a escuta se configura como ato de sustentação de uma interlocução possível.

As interações que seguem demonstram o papel ativo dos terapeutas-interlocutores como coenunciadores. IntEM reafirma o endereçamento a DEL (“É a vez do seu DEL”), garantindo a sustentação da cena enunciativa. A troca entre DEL e intCM explicita como a escuta, mais do que captação de conteúdo, é um gesto interpretativo que participa da construção do sentido. Ao afirmar “Ah, o atendimento individual?”, intCM responde ao que é dito e também ao que se esboça como tentativa de enunciação – legitimando, assim, a enunciação de DEL, mesmo que atravessada por hesitações. Nesse movimento, a escuta se constitui como enunciação implícita (Silva, Oliveira, 2021; Silva, Chacon, 2023), pois antecipa,

aposta e cofunda o sentido com o outro. É nesse gesto que se evidencia a responsabilidade do interlocutor: estar em posição de escuta é também sustentar a possibilidade de enunciação do sujeito, mesmo (e especialmente) quando ela vacila.

A escuta, nesse sentido, participa da constituição da cena enunciativa e opera como garantia de copresença simbólica. Como demonstram Silva e Oliveira (2021), na clínica da linguagem, escutar é tomar parte no processo de subjetividade do outro – não como quem compreende um conteúdo, mas como quem sustenta um lugar. Tal forma de escuta não repara a falha, mas convive com ela; não exige clareza, mas acolhe o esforço; não espera completude, mas reconhece a presença.

O gesto não verbal associado à fala, com a mão esquerda aberta em direção a UN, pode ser interpretado como uma ação que estabelece o direcionamento da fala de DEL para o interlocutor específico, UN. Nesse contexto, DEL está também ativando UN como seu destinatário direto. Essa mediação permite que a fala fragmentada de DEL seja validada: ele diz “É”, e esse simples “é” ratifica a interpretação de intCM e confirma a construção compartilhada do sentido. O “sim” não é apenas confirmação, mas inscrição: é a marca de que o sujeito *foi escutado* e, portanto, pode seguir dizendo.

Na sequência, a fala de intCM – “Eu vou agendar e assim que tiver tudo agendado eu aviso pro senhor” – amplia o campo enunciativo. Ao trazer mais elementos do que o necessário para responder, a interlocutora demonstra implicação com o laço discursivo. Ela confirma o que foi compreendido, contextualiza sua resposta e sustenta a continuidade da interlocução. Essa forma de escuta corresponde ao que Silva (2023) denomina enunciação implícita: uma escuta que ultrapassa a captação do dito ao se implicar na produção do dizer. Ao se posicionar como alguém que se responsabiliza pelo vínculo, a interlocutora reforça o espaço simbólico que sustenta o sujeito em sua tentativa de enunciação.

A breve resposta de DEL – “Ah tá” –, acompanhada pelo aceno com a cabeça, mostra que houve escuta e que a fala de intCM foi acolhida. O enunciado mínimo, articulado ao gesto, revela uma adesão à cena discursiva que está em andamento. Aqui, a linguagem aparece não só no verbal, mas na movimentação do corpo, na confirmação afetiva, na partilha do tempo do outro. Silva (2023) destaca que há enunciação quando o sujeito se vê incluído na interlocução e encontra sustentação para se manter ali, mesmo com enunciados lacunares. O reconhecimento por parte do interlocutor reintroduz o sujeito na linguagem, permitindo que ele permaneça no circuito discursivo.

Nesse primeiro quadro, vemos operar de forma clara a articulação entre as três categorias do aparelho formal da enunciação (Benveniste, 1989 [1970]): pessoa (“eu” e “tu” estão mutuamente posicionados), tempo (o “agora” da fala é reiterado) e espaço (a roda, o gesto em direção ao outro, o aqui do grupo). Essas categorias se manifestam para além do plano gramatical, atuando como operadores de subjetividade: é nelas que o sujeito com afasia encontra apoio para sua emergência enquanto locutor.

Por fim, é importante destacar que o sentido aqui reside na dinâmica que o torna possível: os terapeutas-interlocutores escutam para que haja enunciação, e os sujeitos com afasia enunciam porque há alguém que os escuta. Trata-se de uma clínica da linguagem que

aposta no acontecimento da fala como lugar de vínculo, e da escuta como gesto ético e fundador da presença do sujeito.

O quadro seguinte (Quadro 2) dá sequência à roda de novidade, retomando o endereçamento da palavra a DEL. A cena reflete as dificuldades expressivas de linguagem de DEL e a forma como o grupo e, principalmente, os terapeutas-interlocutores manejaram os obstáculos através da escuta.

Quadro 2 – “Ó não sei fala não adianta”

Nº	Sigla do falante	Transcrição	Observações sobre as enunciações orais/verbais	Observações sobre o não verbal implicado na enunciação
20	DEL	Nós tava com pampo... capepo e	Reticente	Aponta para a direção em que UN está sentado
21	DEL	Vadando do prepo pepo prepo e a	Tom descendente; Hesitante	Gagueja e abaixa a cabeça ao fim da frase
22	DEL	Dexa não adianta não to falando nada	Desapontado; Desanimado	Acena negativamente com a cabeça antes de iniciar a frase enquanto olha na direção de intEM. Em seguida faz sinal de negativo com os dedos indicadores das mãos e os acena
23	intEM	Ta sim a gente ta te entendendo	Afirmativo	
24	intGB	Vamo vamo	Exclamatório	
25	DEL	Queria sabe aqui os	Interrogativo	Olha para intEM e em seguida abaixa a cabeça ao fim da frase
26	DEL	Do topo do quepo	Reticente	Olha na direção de intEM quando começa a falar
27	DEL	Ó não sei fala não adianta	Desapontado	Abre e levanta levemente as mãos enquanto olha na direção de intEM
28	DEL	É	Reticente	
29	DEL	Fa fa o o... Pepo pepo do pempo pa fala	Hesitante; Tom descendente	
30	IntCM	Do tempo	Afirmativo	
31	DEL	É hoje	Exclamatório	Olha para intCM
32	DEL	Hoje na na na... na	Afirmativo; Hesitante	Volta a olhar para intEM
33	DEL	Rédia	Afirmativo	
34	DEL	Tem tudo tudo tudo que	Afirmativo	Levanta a mão direita no gesto de pinçar, em seguida abre a mesma mão
35	DEL	Fala tudo dia tudo tem... Gaúcha	Afirmativo	A mão direita aberta se move de trás para frente junto a cada sílaba falada. A mão é repousada ao colo antes de falar “Gaúcha”
36	intGB	Ah no rádio	Exclamatório	
37	DEL	Tudo tudo	Enfático	Abre as mãos e as levanta na altura do peito, balançando-as de lado a lado levemente
38	DEL	Sempre se	Afirmativo	Levanta a mão direita com o dedo indicador levantado

39	DEL	todo fei tudo e todo	Exclamatório	Faz movimentos circulares com o braço que está apontado para cima
40	DEL	faz e conta para e só é com ele	Exclamatório	Abre a mão direita e levanta a mão esquerda. No momento que diz “para” as mãos descem da altura do ombro para altura da barriga e, em seguida, as levanta para a direita
41	DEL	Tudo	Enfático	Repousa as mãos no colo
42	DEL	E tem o que fala é kéó kéó	Afirmativo	
43	intGB	Ah o cléó kun não é	Exclamatório	
44	DEL	É	Afirmativo	Olha para intGB e sorri
45	intGB	Diz que esse cara sempre acerta não é isso	Afirmativo	
46	DEL	Sim ele não é só assim a trilha são só só	Afirmativo	Levanta as mãos abertas na altura dos ombros e as move suavemente para longe uma da outra

Fonte: Elaborado pelos autores.

A sequência de falas de DEL, entre as linhas 20 e 46, compõe uma cena enunciativa marcada pela oscilação entre a dificuldade de dizer e a insistência no dizer. O quadro se organiza como uma espécie de *dramatização do esforço enunciativo*, no qual DEL, mesmo atravessado por falhas e hesitações decorrentes da afasia, permanece implicado na linguagem – ou, mais precisamente, na enunciação. A escuta, nesse contexto, se realiza como gesto de sustentação subjetiva: é o que permite que a linguagem aconteça apesar da afasia.

Diante de sujeitos cuja fala se fragmenta, hesita ou silencia, a escuta deve operar como espaço de sustentação simbólica. Aqui, escutar é sustentar a possibilidade de que o sujeito permaneça na linguagem, mesmo sem a palavra. Trata-se de uma escuta que não se dirige à forma plena do enunciado, mas à força do gesto enunciativo. É por isso que, no contexto clínico, a escuta assume contornos éticos: ela não visa à reabilitação da linguagem como função, mas à restituição do sujeito como presença discursiva.

A cena inicia com a tentativa de DEL em rememorar e relatar uma situação vivida anteriormente, provavelmente relacionada ao conteúdo da roda de conversa do grupo. Nas linhas 20 e 21, suas enunciações são marcadas por pausas, substituições fonêmicas e perseveração. Apesar disso, há insistência no dizer – o que já se configura como marca enunciativa: a linguagem não é abandonada. A enunciação se dá no corpo, no gesto que aponta para UN, na prosódia, no abaixar da cabeça. É nesse nível que se atualizam, ainda que parcialmente, as categorias da enunciação benvenistiana: a direção do gesto reinscreve a presença do “tu”, mesmo que não nomeado verbalmente; a hesitação temporal projeta o “agora” da tentativa de inscrição no discurso; o apontar espacial ancora a cena no “aqui” da roda.

A progressão da cena enunciativa revela um deslocamento do fracasso linguístico inicialmente anunciado (“não to falando nada”, linha 22) para a emergência de uma enunciação carregada de indícios de subjetividade. Nas linhas 25 a 27, DEL tenta relançar seu dizer: “Queria sabe aqui os... do topo do quepo”. A fragmentação enunciativa não impede a reiteração do

gesto comunicativo. Há, aqui, uma forma de insistência discursiva que se atualiza como gesto enunciativo: DEL retoma o movimento de enunciar, reorganizando os elementos linguísticos disponíveis.

A linha 27 – “Ó não sei fala não adianta” – condensa a tensão entre a potência da linguagem e a dificuldade de sua realização. Essa afirmação de impossibilidade, longe de levar ao silêncio definitivo, é seguida por uma retomada (“É... fa fa o o... Pepo pepo do pempo pa fala”, linha 29). O sujeito que declara sua impotência não se retira da cena, mas nela permanece. Como indica Benveniste (1991 [1958]), a subjetividade se inscreve na linguagem pela possibilidade de o locutor se apresentar como “eu”. Aqui, mesmo que o “eu” não seja dito, ele está implicado na tentativa, no desejo de significar. A repetição hesitante das sílabas aponta para uma economia de linguagem que funciona por aproximações – uma economia afetada, que insiste em dizer.

A escuta dos interlocutores-interventores, nesse ponto, participa da construção do sentido. Na linha 30, intCM intervém: “Do tempo”. Essa enunciação é fruto de uma escuta implicada, que reconstrói o sentido a partir das pistas deixadas por DEL. Como destacam Silva e Oliveira (2021), a escuta se realiza como gesto enunciativo na medida em que responde à convocação do outro. É esse gesto que permite que o interlocutor se mantenha no circuito da linguagem mesmo quando a forma verbalizada vacila. A escuta se torna, então, coautora do enunciado.

A resposta afirmativa de DEL (“É hoje”, linha 31) valida a interpretação de intCM, mas também reinscreve sua posição de sujeito no discurso. “Hoje” atualiza a categoria temporal da enunciação, que, segundo Benveniste (1989 [1970]), é sempre dêitica. O tempo do dizer se ancora no momento da fala, retomando a copresença dos interlocutores. A partir desse ponto, DEL ganha fôlego enunciativo: “Hoje na na na... na”, “Rédia”, “Tem tudo tudo tudo que...”, “Fala tudo dia tudo tem... Gaúcha”.

Esse encadeamento revela o desdobramento de uma memória discursiva ativada pela escuta do outro. As palavras emergem, ainda que entrecortadas, e se organizam em torno de uma cadeia semântica que remonta à experiência cotidiana de DEL: ouvir rádio, escutar a “Gaúcha”, reconhecer o “Cléo Kun”. A referência cultural é compartilhada, e isso permite que o interlocutor (intGB) a reconheça e nomeie (“Ah, no rádio”, linha 36; “Ah, o Cléo Kun não é”, linha 43).

Essa dinâmica configura uma interlocução que sustenta o sujeito enquanto locutor. A escuta, aqui, não se limita a compreender, mas relança o dizer. Silva e Oliveira (2021) descrevem essa operação como escuta entre enunciações: uma escuta que não busca a verdade do enunciado, mas o movimento de subjetividade que o atravessa. A enunciação se desloca da lógica do conteúdo para a lógica da relação – uma relação que implica corpo, tempo, memória e desejo.

O uso reiterado de “tudo tudo”, “sempre”, “todo fei tudo” (linhas 34 a 39) sugere que DEL tenta descrever a regularidade da fala do radialista. Ainda que a organização sintática não se estabilize, há uma estrutura de sentido que se repete e se amplifica. Os gestos que acompanham essas falas – o levantar das mãos, o movimento circular dos braços – atualizam

uma corporeidade discursiva que sustenta o ato de linguagem. A escuta do interlocutor, nesse ponto, reconhece esse gesto como lugar de enunciação.

Na linha 42, ao dizer “E tem o que fala é kéo kéo”, DEL introduz a referência ao locutor radialista, e intGB o nomeia: “Ah, o Cléo Kun, não é?”. Há uma construção coletiva de sentido em curso. A escuta do terapeuta não apenas completa, mas legitima o percurso enunciativo de DEL. O sorriso que se segue (linha 44) é a marca sensível desse reconhecimento.

A cena enunciativa termina com uma síntese: “Sim ele não é só assim a trilha são só... só” (linha 46). Embora a frase permaneça inconclusa, o gesto de DEL – as mãos abertas que se afastam – performa um fechamento simbólico. Há sentido, ainda que fragmentado. Há sujeito, ainda que atravessado pela falha. Há escuta, que mantém o vínculo, a copresença e a possibilidade de linguagem.

Essa cena, como um todo, exemplifica o que Benveniste (1991 [1958]) concebe como a linguagem constituindo o sujeito. A enunciação de DEL, mesmo hesitante e truncada, mostra-se como lugar de emergência do sujeito, sustentada por uma escuta que opera não pela correção, mas pela coenunciação – e é justamente a escuta que torna possível essa persistência. O dizer, sustentado pela escuta, permanece aberto, disponível ao outro, convocando-o para completar, acompanhar, permanecer.

O Quadro 3 dá continuidade à cena enunciativa iniciada nos quadros anteriores, agora com a ampliação da participação dos sujeitos VER e UN. A temática gira em torno da figura pública Cléo Kun, comunicador citado anteriormente por DEL, e se desdobra em torno de lembranças compartilhadas, identificação afetiva e esforço linguístico. A enunciação de VER (linha 47) introduz a notícia da morte da mãe do radialista, retomada por UN e tematizada pelo grupo, enquanto intCM e intEM reconhecem e validam o envolvimento dos sujeitos com essa figura pública.

Quadro 3 – “Parece mentira mas eu consegui aprender”

Nº	Sigla do falante	Transcrição	Observações sobre as enunciações orais/verbais	Observações sobre o não verbal implicado na enunciação
47	VER	Morreu a mãe dele ele não tá	Afirmativo	Olhando para DEL
48	UN	Kun Kun o nome do cara é Kun	Exclamatório	
49	intCM	Tu também gosta dele que eu sei UN	Afirmativo	
50	UN	Na previsão na previsão eu fico olhando a cara dele	Afirmativo	
51	intCM	É eu sei que tu gosta há um certo tempo né	Afirmativo	
52	intCM	Seu DEL também né	Afirmativo	
53	DEL	Bah sempre	Exclamatório	Acena a cabeça para trás e para frente
54	DEL	Eu falo todo dia eu falo com ela com faço todo dia só ela de noite noite	Afirmativo	Levanta ambas as mãos com os indicadores apontados para cima, abre as mãos e as balança levemente

55	DEL	Sei tudo tem tudo tudo na cabeça	Afirmativo	Passa o dedo indicador da mão esquerda sobre a testa – da esquerda para a direita
56	DEL	Tudo tudo	Exclamatório	Repousa as mãos e olha para intGB
57	intEM	Quem que tu ia contar	Interrogativo	
58	VER	Não o cléó kun a mãe dele morreu	Afirmativo	Olha para intEM
59	VER	Ele que da a previsão do tempo	Afirmativo	
60	intEM	Aham	Afirmativo	
61	UN	É KUN	Exclamatório	
62		(risos do grupo)		
63	UN	Eu consigo dizer KUN	Exclamatório	Olhando para DEL, levanta levemente a mão esquerda da classe onde está apoiada
64	UN	Parece mentira mas eu consegui aprende	Afirmativo	Sorri e olha para intEM
65	UN	KUN	Enfático	
66		(risos do grupo)		
67	UN	Mas é isso eu consigo dizer o nome dele	Afirmativo	Abre as mãos enquanto fala e as levanta levemente

Fonte: Elaborado pelos autores.

A cena enunciativa que se desdobra no Quadro 3 evidencia a sustentação de uma rede de copresença discursiva em que sujeitos com afasia atualizam suas posições de locutores a partir da escuta ativamente implicada dos interlocutores-terapeutas e dos demais participantes do grupo. O ponto de partida da sequência é a referência a Cléo Kun, radialista mencionado no Quadro 2, cuja evocação afetiva funciona como vetor de memória discursiva compartilhada.

A fala inicial de VER (linha 47) introduz um dado biográfico sobre Kun – a morte da mãe – dirigindo-se a DEL, e sinalizando a continuidade temática e a circulação do dizer no grupo. UN retoma imediatamente: “Kun Kun, o nome do cara é Kun” (linha 48). A repetição enfática do nome evidencia não apenas a rememoração de um conteúdo, mas uma espécie de celebração da possibilidade de nomear. Dado o quadro de anomia de UN, a nomeação ganha potência performativa: nomear “Kun” é inscrever-se como sujeito na linguagem, operar o “eu posso dizer” no lugar do “não encontro a palavra”. A escuta que sustenta essa enunciação não é neutra nem passiva – ela é constituinte. O nome “Kun”, reiterado por UN nas linhas 48, 61, 63, 65 e 67, assume valor de eixo enunciativo.

Nesse sentido, a escuta transborda o sintoma clínico, pois reconhece uma subjetividade que não se reduz ao déficit. Ao invés de corrigir, ela acompanha; ao invés de interpretar o sintoma, ela sustenta a possibilidade de que o dizer aconteça de outro modo. Em outras palavras, a escuta não reabilita o sintoma, mas o desloca para outro registro: da deficiência para a diferença; do silêncio clínico para o gesto enunciativo.

O gesto enunciativo de intCM (linha 49) funciona como reforço do campo de copresença e inscrição: ao nomear o gosto de UN, ela não só reconhece uma informação, mas reinscreve o sujeito na tessitura discursiva coletiva. A resposta de UN (linha 50) – “Na previsão,

na previsão eu fico olhando a cara dele” – ancora o nome anteriormente enunciado em uma experiência sensível concreta: a previsão do tempo. Aqui, a linguagem se organiza em torno de uma imagem, de um hábito cotidiano, de um rosto que se torna lugar de referência. A repetição de “na previsão” evidencia o esforço sintagmático de UN em organizar sua fala, esforço que se dá sob o efeito da anomia, mas que não a ele se reduz.

Na continuidade, intCM afirma: “É, eu sei que tu gosta há um certo tempo né” (linha 51) e logo amplia a interpelação: “Seu DEL também né” (linha 52). A expansão do endereçamento reinscreve o dizer de UN no campo intersubjetivo e coletivo da roda, deslocando a escuta do singular para o compartilhado. Nesse gesto, intCM opera como coenunciadora: se implica na sustentação do circuito de interlocução. A confirmação de DEL – “Bah, sempre” (linha 53) – dita com entonação enfática e gesto afirmativo, reforça o pertencimento comum ao universo de referências partilhadas. A escuta, aqui, se manifesta também como escuta entre pares: os sujeitos com afasia compartilham lembranças, gostos e formas de dizer, sustentados pela copresença do grupo.

A fala de UN nas linhas 63 a 67 explicita o valor simbólico da nomeação: “Eu consigo dizer KUN”, “Parece mentira mas eu consegui aprende”, “Mas é isso, eu consigo dizer o nome dele.” Essas enunciações, reiteradas e cheias de entusiasmo, instauram um campo de autoafirmação e reconhecimento. O sujeito não apenas nomeia, mas testemunha o próprio ato de nomear – como quem performa diante de uma plateia solidária uma conquista íntima, arduamente elaborada. O sorriso, o olhar para os interlocutores e os gestos que acompanham sua fala ampliam a cena para além do verbal: o corpo todo se mobiliza na produção do sentido.

Essas enunciações finais de UN sintetizam o que está em jogo em todo o quadro: não se trata apenas de conseguir falar, mas de ser escutado como alguém que fala. Ao dizer “eu consigo dizer o nome dele”, UN se inscreve como locutor – alguém que se enuncia, que partilha, que performa sua relação com o outro. A anomia, nesse contexto, não desaparece, mas é deslocada: torna-se lugar de reinvenção do laço com a linguagem.

Por fim, a função dos interlocutores-terapeutas não foi a de garantir fluência, mas de sustentar a interlocução. A escuta que percorre todo o fragmento permite que mesmo um nome isolado, como “Kun”, se torne eixo de subjetividade. Trata-se, aqui, de uma clínica da linguagem que visa a sustentar o sujeito em sua capacidade de habitar a linguagem com aquilo que lhe é possível. Escutar, nesse caso, é abrir espaço para que o dizer aconteça – ainda que aos pedaços, ainda que em repetição – como gesto inaugural da presença de um “eu” diante de um “tu”.

As análises dos três quadros enunciativos revelam, em sua singularidade, uma constância: o sujeito com afasia permanece na linguagem quando há escuta que o sustenta. Cada quadro evidencia um aspecto dessa sustentação. No Quadro 1, observamos a alternância de turnos como forma de reconhecimento simbólico, em que o interlocutor-terapeuta convoca o sujeito a ocupar o lugar de fala e o grupo acolhe essa convocação. No Quadro 2, a oscilação entre o não conseguir dizer e o insistir em permanecer na linguagem revela que o fracasso enunciativo não impede a emergência de subjetividade; ao contrário, pode atualizá-la em sua forma mais sensível. Já no Quadro 3, a nomeação reiterada do nome “Kun” desloca

a dificuldade lexical de UN para um gesto performativo de inscrição: dizer um nome torna-se dizer de si. Assim, cada fragmento analisado expõe formas diferentes pelas quais a escuta atua como operador de subjetividade – ora ao legitimar a tentativa de dizer, ora ao interpretar afetivamente uma falha, ora ao sustentar o vínculo que permite que o sujeito se diga, mesmo sem palavras plenamente organizadas. A escuta se apresenta, assim, como fio condutor das diferentes formas de enunciação que emergem no grupo.

O que se desenha é um campo de interlocução em que o sujeito com afasia não é reduzido à perda, mas recolocado na linguagem por meio do vínculo instaurado pela escuta. A progressão entre os quadros evidencia uma crescente densidade enunciativa, na qual os sujeitos, ao serem escutados, reinscrevem-se como locutores possíveis.

Um horizonte ético

Ao privilegiar a escuta como categoria analítica, esta pesquisa aposta na possibilidade de que, mesmo diante da afasia, há enunciação – e, portanto, há sujeito. O dizer, ainda que fragmentado ou silencioso, sustenta-se no vínculo com um outro que escuta, legitima e responde. É nesse gesto de sustentação que a clínica da linguagem se reinventa como lugar de cuidado, de vínculo e de presença simbólica.

Mais do que restaurar uma função, trata-se de sustentar uma posição. A escuta não pretende corrigir a falha, mas acolher o gesto, reconhecendo que há sujeito sempre que há linguagem em acontecimento. Ao escutar, o interlocutor ocupa uma posição coenunciadora, assumindo responsabilidade pelo vínculo e compartilhando o trabalho do dizer. A escuta, nesse sentido, sustenta a linguagem como experiência subjetiva possível, mesmo quando desfeita em sua forma tradicional.

Nesse sentido, o campo da afasia se revela como potente lugar de produção de linguagem em sua dimensão ética, relacional e singular. Escutar é, então, sustentar a cena enunciativa como espaço de alteridade, em que cada tentativa de fala carrega uma convocação ao outro e uma aposta no laço simbólico. Ao tomar a escuta como lugar de enunciação, esta pesquisa reafirma que há linguagem onde há sujeito – e há sujeito sempre que há escuta.

Referências

- BENVENISTE, É. A linguagem e a experiência humana. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. 2. ed. Tradução Eduardo Guimarães et al. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006 [1965]. p. 68-80.
- BENVENISTE, E. A natureza dos pronomes. In: BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1991 [1956]. p. 277-283.
- BENVENISTE, E. Da subjetividade na linguagem. In: BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1991 [1958]. p. 284-293.

BENVENISTE, E. A forma e o sentido na linguagem. In: BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989 [1967]. p. 220-242.

BENVENISTE, E. O aparelho formal da enunciação. In: BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989 [1970]. p. 81-92.

BROCA, P. Le mot "aphasie". In: HÉCAEN, H. DUBOIS, J. (Eds.). *La naissance de la neuropsychologie du langage (1825-1865)*. Paris: Flammarion, 1969. p. 267-274.

FEDOSSE, E.; SILVA, E. B. da; SANTOS, F. C.; FIGUEIREDO, E. S. Grupo interdisciplinar de convivência: uma intervenção em saúde ancorada na neurolinguística discursiva (Interdisciplinary group of coexistence: an intervention in health based...). *Estudos da Língua(gem)*, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 23-36, 2019. DOI: 10.22481/el.v17i1.5296. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/estudosdalinguagem/article/view/5296>. Acesso em: 20 jul. 2025

FLORES, V. do N. Entre o Dizer e o Mostrar: a transcrição como modalidade de enunciação. *Organon*, Porto Alegre, v. 40-41, p. 61-75, 2006. DOI: 10.22456/2238-8915.39566. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/39566>. Acesso em: 30 abr. 2025

FREIRE, F. M. P., COUDRY, M. I. H. Banco de Dados de Neurolinguística: ver, analisar, intervir, teorizar. In: *Atas do 5º Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa (CIAIQ)*, Porto, 2016. v. 3. p. 367-376.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas. 2008.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). *Pesquisa Social*. Teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NUNES, P. Á.; FLORES, V. do N. O trabalho com dado e banco de dados: considerações por meio de uma teoria enunciativa da linguagem. *Letras de Hoje*, [S. l.], v. 52, n. 3, p. 401-409, 2017. DOI: 10.15448/1984-7726.2017.3.29372. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/lh/a/njnP7bvCzGkz65WkTj4jqPf/>. Acesso em: 13 abr. 2025

SILVA, C. L. da C. Uma história de enunciações sobre a instauração da criança na língua materna. *Revista da ABRALIN*, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 624-644, 2024. DOI: 10.25189/rabralin.v23i2.2235. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/2235>. Acesso em: 09 out. 2026

SILVA, C. L. da C.; CHACON, L. Formas sonoras e sentidos na aquisição da linguagem: a escuta como ocupação de lugar enunciativo. *ALFA: Revista de linguística*, v. 67, p. 1-22, 2023. DOI: 10.1590/1981-5794-e13686. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alfa/a/qPNYcwK5JpsqNp5RMKS55kx/>. Acesso em: 22 ago. 2023.

SILVA, C. L.; OLIVEIRA, G. F. NOS RUMORES DA LÍNGUA: A ESCUTA ENTRE AS ENUNCIÇÕES FALADA E ESCRITA DA CRIANÇA. *Revista Conexão Letras*, Porto Alegre, v. 16, n. 25, p. 165-190, 2021. DOI: 10.22456/2594-8962.116837. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/conexaoletras/article/view/116837>. Acesso em: 09 out. 2026

Recebido em: 29/09/2025.

Aceito em: 14/12/2025.